

# FRAUDE NA SELVA

No tempo em que eram soldados da borracha, trocavam salário por comida. Agora, deixam cartões bancários com comerciantes, que sacam no caixa suas aposentadorias

## Caderneta eletrônica

Cristina Ávila  
Da equipe do Correio

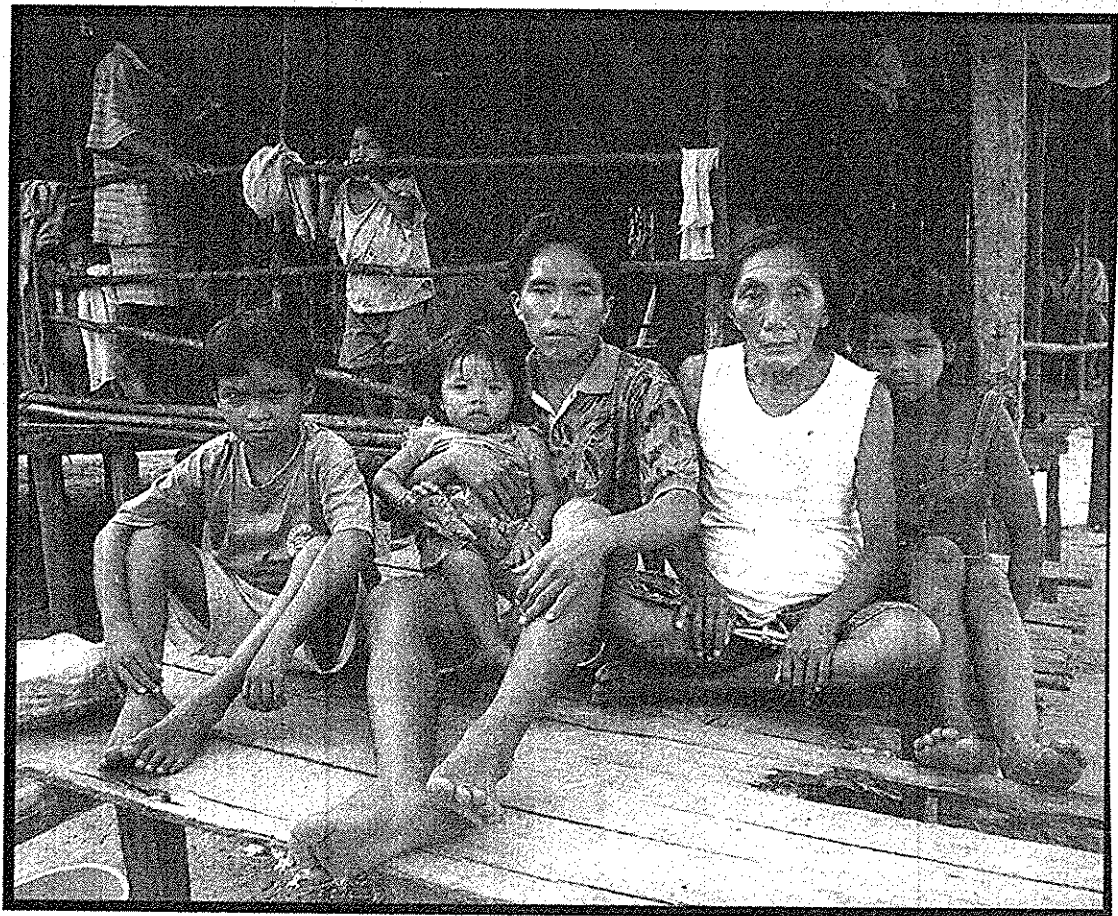
**F**eijó (AC) — A tecnologia está ajudando a reproduzir a exploração de seringueiros no interior do Acre. Durante o ciclo da borracha, eles trocavam mão-de-obra pela comida que adquiriam nos barracões, segundo registro nas pequenas cadernetas. Na era da comunicação digital deixam os cartões eletrônicos, com os quais receberiam suas aposentadorias, nas mãos dos comerciantes que fornecem alimentos e outras mercadorias nos mesmíssimos barracões de antigamente.

No município de Feijó — que tem 10 mil habitantes na zona urbana e 17 mil na zona rural — toda a população sabe que o comerciante Valmir Campos guarda cartões de aposentados, saca o dinheiro deles e repassa o “troco” depois de tirar “a parte que lhe cabe”. O presidente do Sindicato dos Seringueiros de Feijó, José Sales do Nascimento, calcula que de 600 a 700 seringueiros estejam submetidos aos comerciantes de Feijó, principalmente a Campos.

“Eles encaminham a documentação até de seringueiros de municípios do Amazonas para a aposentadoria. E, em troca desse ‘favor’, mantêm os cartões bancários em seu poder”, diz Nascimento.

Até índios aposentados são explorados no comércio. Muitos deles trabalharam nos seringais e por isso recebem benefício como soldados da borracha. São chamados assim por causa da migração de nordestinos para exploração de látex na Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial. Os exemplos estão em cada esquina de Feijó.

Nas contas da previdência, Maria Zulmira Pereira Kaxinawá, 70 anos, recebe dois salários mínimos de aposentadoria. Na vida real, porém, ela deixa seu cartão do Banco da Amazônia (Basa) com Valmir Campos, a quem chama de “patrão”. Ela mora na aldeia Paroá, cerca de 30 quilômetros da zona urbana de Feijó, na margem do rio Envira. “Foi Valmir que arrumou minha aposentadoria”, diz. “Ela



MARIA ZULMIRA, O FILHO, LAÉRCIO KAXINAWÁ, E OS NETOS: CARTÃO BANCÁRIO COM O “PATRÃO” PARA ABATER DÍVIDAS

não pode pegar os documentos porque deve muito ao patrão”, justifica o filho de Zulmira, Laércio Kaxinawá, 25 anos.

Maria Francisca Nunes Pereira, que também é kaxinawá da aldeia Paroá, calcula que pelo menos outros 30 índios de aldeias de seu povo têm seus cartões de banco em poder Valmir Campos. “Eles têm medo de perder o direito da aposentadoria”, explica Maria de Fátima Rodrigues, do Conselho Indigenista Missionário. O Cimi e o Sindicato dos Seringueiros de Feijó identificaram pelo menos mais dois empresários que retêm documentos de seringueiros. No município de Cruzeiro do Sul, o Ministério Público chegou a intervir para que os comerciantes devolvessem cartões bancários a aposentados e pensionistas vindos de tribos indígenas.

“Não sei nem o que responder sobre isso, mas acontece mesmo”, admite o chefe de posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) no Vale do Envira,

José Augusto Brandão, que é índio kampa. “Isso acontece há uns 15 anos”, remenda Mário Kaxinawá, coordenador da Organização dos Povos Indígenas do Rio Envira (Opire), eleito vereador. A situação se agrava porque a Previdência bloqueia o pagamento de aposentadorias com mais de dois meses sem ser retiradas dos bancos. E os habitantes de aldeias distantes, enfiadas nas selvas, têm dificuldade de viajar à cidade.

Uma prática cruel. “Não comemos ontem, ficamos só com o café puro até hoje quando meu genro voltou da cidade com o dinheiro de uma mandioca que vendeu”, conta Eunice de Souza Lima, 57 anos. O marido dela, Antônio Lúcio Gomes, é analfabeto e não sabe a idade que tem. Entregou o cartão do Basa a Valmir Campos. O comerciante justifica: “Às vezes eles deixam os cartões porque moram muito longe ou porque têm medo de perder. Mas eles compram onde querem, não são obrigados a comprar aqui.”

### O QUE DIZ O INSS

**A**ouvidora geral da Previdência Social, Neiva Renck Maciel, diz que há denúncias de aposentados que se submetem a entregar cartões de conta bancária para comerciantes também em outras regiões do país. “Quanto menor a cidade e menor escolaridade do aposentado, mais isso acontece. Eles confiam no comerciante e são passados pra trás.”

Na opinião de Neiva Renck, os sindicatos deveriam procurar os representantes da Previdência Social nos municípios e pedir que façam palestras para os aposentados, para esclarecê-los de que não podem entregar cartões de sua conta bancária a ninguém. “Outra idéia é divulgar isso em rádio”, acrescenta.

Neiva Renck justifica que o bloqueio das contas que ficam mais de dois meses sem movimento é para evitar fraudes. “Há pessoas que morrem e parentes ficam recebendo o dinheiro.” Os beneficiários podem ligar grátis para fazer críticas, sugerir ou fazer denúncias para o número 0800.78.01.91.”